

# *Apresentação*

O presente volume abre com um artigo de Raul Landim em que o autor analisa a plausibilidade da interpretação da gnoseologia tomista como realista direta a partir de um exame dos pressupostos em que essa interpretação está apoiada. Segundo o artigo, o pressuposto principal consiste na tese da identidade formal ou da dupla existência da forma (intencional e natural). A forma intencional, expressa pelo conceito, e a forma natural da coisa apreendida pelo intelecto seriam, assim, instâncias de uma mesma forma. De acordo com Landim, há aqui a assunção implícita da existência de formas universais ‘fora da mente’, posição essa incompatível com a filosofia tomásica, uma vez que, segundo Tomás, os universais são modos de consideração do intelecto, o que torna bastante problemática a tese da identidade formal, fundamento da interpretação gnoseológica do Realismo Direto de Tomás.

No artigo seguinte, Juan Bonaccini discute a teoria de Kant acerca do estatuto dos milagres e da crença neles. O alvo principal de sua análise consiste na interpretação tradicional que assimila a concepção kantiana à de Hume. O artigo mostra, assim, que Kant sustenta uma concepção *não*-humeana acerca dos milagres, que não apenas deixa explicitamente aberta a possibilidade lógica dos milagres, mas também autoriza *admitir* “milagres” *do ponto de vista prático*. Na porção final do artigo, Juan Bonaccini defende a compatibilidade dessa abordagem dos milagres com uma reconstrução do Idealismo transcendental.

No terceiro artigo, Emerson Carlos Valcarenghi discute a teoria das alternativas relevantes, segundo a qual S sabe que P somente se a sua evidência para crer que P elimina todas as alternativas relevantes para P. O principal ponto levantado pelo artigo diz respeito

exatamente as explicações que a literatura relevantista oferece para o conceito de eliminação. Emerson Carlos Valcarenghi mostra que nenhuma delas é satisfatória e que a defesa da teoria das alternativas relevantes somente é possível a partir do desenvolvimento de uma análise completamente nova do conceito de eliminação.

Eros Moreira de Carvalho, no quarto artigo, avalia as respostas dadas por Popper e por Alan Musgrave ao problema da predição racional, lançado por Wesley Salmon. Em seu artigo, ele argumenta em favor da inadequação de ambas as respostas, considerando, assim que a posição de Salmon, segundo o qual não há como fazer da predição prática uma ação racional sem apelar à indução, sai reforçada desse confronto.

No quinto artigo do presente volume, Ericson Falabretti debruça-se sobre a concepção rousseauiana de linguagem, sustentando que a novidade dessa concepção consiste na consideração da não presença, da estrutura aberta e da potência criadora da linguagem. Segundo ele, a não presença, isto é, a consideração que a linguagem não nasceu na natureza, não sendo, ao mesmo tempo, instituição social, revela a solução inédita de Rousseau para o problema da origem da linguagem. Já as noções de estrutura aberta e potência criadora remontam à função central da linguagem na explicação da historiografia e da antropologia rousseauiana. Segundo o autor, o conceito derridariano de complementariedade e a concepção nuclear de retórica – enunciada por Derrida e aprofundada por Bento Prado Jr – radicalizam o sentido das noções de potência criadora e estrutura aberta da linguagem e, ainda, trazem à luz as implicações da teoria rousseauiana da linguagem para a compreensão das diferentes experiências da fala e da escrita na natureza, na sociedade, na política e na autodescrição.

Felipe Amaral, no artigo seguinte, assume posição no debate contemporâneo acerca da semântica dos demonstrativos complexos e descrições referenciais, rejeitando as duas posições dominantes, segundo as quais essas expressões são, de acordo com uma teoria, diretamente referenciais ou, de acordo com a outra teoria, quantitacionais. Felipe Amaral argumenta em seu artigo em favor de uma concepção alternativa, que afirma que demonstrativos complexos e descrições referenciais são *designadores descritivos*, isto é, que são termos que se referem e descrevem *sem quantificar*.

No sétimo artigo, Marcos Silva trata da questão relativa à lógica das cores nos quadros da filosofia de Wittgenstein. O problema das cores constituiu-se em um desafio à verfuncio-

nalidade tractariana, sendo uma das principais razões que levaram Wittgenstein ao “abandono da obra”. Partindo da crítica de Ramsey na resenha do *Tractatus* de 1923, Marcos Silva propõe uma interpretação que tenta unificar o Problema da Exclusão das Cores e a necessidade da emergência de sistemas proposicionais por meio da discussão de aspectos lógico-notacionais que perfazem o início do período intermediário do pensamento de Wittgenstein. Esse período é marcado, segundo o autor, por uma forte concepção holista quanto à relação entre proposições, fragmentando-se, por assim dizer, o espaço lógico tractariano em inúmeros sistemas. Marcos Silva ressalta que Wittgenstein se concentra nesse período sobre problemas lógicos de expressibilidade de organizações conceituais encontradas em exclusões por contrariedade. Essa forma de oposição ultrapassa o âmbito das tautologias, contradições e verofuncionalidade, o que desafia, segundo ele, a imagem de lógica do *Tractatus*.

O oitavo artigo consiste na tradução em língua portuguesa, feita por Marcos Silva, de um artigo de Georg Henrik Von Wright sobre o problema das cores a partir das reflexões de Ludwig Wittgenstein. O objetivo da publicação da tradução desse artigo é torná-lo acessível ao público filosófico brasileiro.

Fechando este volume, publicamos entrevista, concedida a Vínicius Figueiredo, de José Arthur Gianotti acerca de sua trajetória filosófica. Trata-se da primeira entrevista acadêmica publicada na *Analytica*, e sua publicação representa uma homenagem de seus editores ao entrevistado em razão da posição singular que ele ocupa no interior da comunidade filosófica nacional. José Arthur Gianotti não apenas contribuiu de maneira significativa para a constituição de um ambiente filosófico acadêmico no Brasil, senão que, com seu espírito inquieto e arguto continua colocando a todos nós questões que não nos abandonam facilmente.

*Edgar Marques*